

DISTANCIAMENTO SOCIAL NA COVID-19: ANÁLISE DOS CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM UM MUNICÍPIO DE TRIPLICE FRONTEIRA DURANTE A PANDEMIA

Recebido em: 23/06/2023

Aceito em: 21/07/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i7.2023-030

Aline Jaqueline Varnier¹
Cristina dos Santos Freitas²
Wesley Martins³

RESUMO: Durante a pandemia da COVID-19, o distanciamento social e a quarentena tiveram um impacto significativo no aumento do número de casos de violência sexual. Embora essas medidas tenham sido essenciais para conter a propagação do vírus, elas também criaram um ambiente propício para o aumento da violência doméstica e sexual. Este estudo teve como objetivo identificar o perfil dos casos de violência sexual notificados no município de Foz do Iguaçu durante o período da pandemia da Covid-19 (2020 a 2022). Trata-se de uma pesquisa transversal, descritiva e exploratória de caráter quantitativo, realizado com as fichas de notificação compulsória dos casos de violência sexual, da vigilância epidemiológica do município de Foz do Iguaçu-PR, durante os anos de 2020 a 2022. Identificou-se predomínio de violência sexual no sexo feminino, com idade entre 1 a 15 anos. O primeiro trimestre de 2020 e 2021 tiveram maiores números de registros. Os agressores em sua maioria foram conhecidos, padrastos e o pai. A maioria dos casos ocorreram na própria residência. O distanciamento social e a quarentena criaram condições propícias para o aumento desses casos, colocando as vítimas em situações de maior vulnerabilidade e limitando seu acesso a recursos de apoio.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Isolamento Social; COVID-19; Saúde na Fronteira; Epidemiologia.

SOCIAL DISTANCING IN COVID-19: ANALYSIS OF SEXUAL VIOLENCE IN A MUNICIPALITY OF TRIPLICE BORDER DURING THE PANDEMIC

ABSTRACT: During the COVID-19 pandemic, social distancing and quarantine have had a significant impact on the increase in the number of cases of sexual violence. While these measures have been essential to contain the spread of the virus, they have also created an environment conducive to increased domestic and sexual violence. This study aimed to identify the profile of cases of sexual violence reported in the municipality of Foz do Iguaçu during the COVID-19 pandemic period (2020 to 2022). This is a cross-sectional, descriptive and exploratory survey of a quantitative nature, carried out with the compulsory notification sheets of cases of sexual violence, the epidemiological surveillance of the municipality of Foz do Iguaçu-PR, during the years 2020 to 2022. A predominance of sexual violence was identified in the female sex, aged between 1 and 15

¹ Graduanda em Enfermagem. Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC).

E-mail: alinejacqueline.v@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4570-5197>

² Graduanda em Enfermagem. Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC).

E-mail: cristina.s.freitas@outlook.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4191-1093>

³ Doutor em Ciências. Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: wesley.martins@udc.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1083-9515>

years. The first quarter of 2020 and 2021 had higher numbers of registrations. The aggressors were mostly known, stepfathers and father. Most of the cases occurred at home. Social distancing and quarantine have created favorable conditions for the increase in such cases, placing victims in situations of greater vulnerability and limiting their access to support resources.

KEYWORDS: Violence; Social Isolation; COVID-19; Border Health; Epidemiology.

DISTANCIA SOCIAL EN COVID-19: ANÁLISIS DE CASOS DE VIOLENCIA SEXUAL EN UN MUNICIPIO TRIPLICAL TRANSFRONTERIZO DURANTE PANDEMIA

RESUMEN: Durante la pandemia COVID-19, el distanciamiento social y la cuarentena tuvieron un impacto significativo en el aumento del número de casos de violencia sexual. Aunque estas medidas eran esenciales para contener la propagación del virus, también creaban un entorno favorable para el aumento de la violencia doméstica y sexual. El objetivo de este estudio fue identificar el perfil de violencia sexual reportada en el municipio de Foz do Iguaçu durante el periodo de pandemia Covid-19 (2020-2022). Se trata de un estudio transversal, descriptivo y exploratorio de carácter cuantitativo, realizado con las fichas obligatorias de notificación de violencia sexual, la vigilancia epidemiológica del municipio de Foz do Iguaçu-PR durante los años 2020-22. El predominio de la violencia sexual se identificó en el sexo femenino, de edades comprendidas entre 1 y 15 años. El primer trimestre de 2020 y 2021 tuvo un mayor número de registros. Los agresores en su mayoría eran conocidos, padrastro y padre. La mayoría de los casos ocurrieron en casa. El distanciamiento social y la cuarentena han creado las condiciones para aumentar esos casos, situando a las víctimas en situaciones de mayor vulnerabilidad y limitando su acceso a los recursos de apoyo.

PALABRAS CLAVE: Violencia; Aislamiento Social; COVID-19; Salud Fronteriza; Epidemiología.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS (2018), a definição atual de violência sexual consiste em qualquer ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; bem como quaisquer ações que envolvam a exploração ou uso da sexualidade de uma pessoa por meio de coerção por outra pessoa, independentemente da relação entre o agressor e a vítima, em qualquer contexto, incluindo o ambiente doméstico e o local de trabalho.

O abuso sexual é uma situação em que a vítima é utilizada para a satisfação sexual de um adulto ou adolescente mais velho, baseada em uma relação de poder (FERREIRA, 2002).

Durante a pandemia da Covid-19 no Paraná, estudos apontaram que os bebês estão entre as principais vítimas de violência contra crianças e adolescentes. De acordo com o comitê protetivo, os bebês com até um ano de idade representaram 7,3% dos 2.773 casos

de violência sexual registrados em 2020. Entre 1º de janeiro de 2020 e 31 de janeiro de 2021, foram registrados 3.829 casos de estupro de vulnerável, sendo que 99% desses casos ocorreram dentro do ambiente familiar e foram perpetrados por pessoas próximas às vítimas. Esses casos ocupam o primeiro lugar na lista, seguidos por 469 casos de importunação sexual, 375 casos de estupro ou atentado violento ao pudor e 211 casos de assédio sexual, em todo o Brasil (PARANÁ, 2021).

Ainda de acordo com os dados supracitados, a cidade de Curitiba liderou os casos de violência contra crianças e adolescentes, com 3.645 casos, seguida por Londrina com 1.051 casos, Ponta Grossa com 902 casos, Cascavel com 732 casos, Foz do Iguaçu com 730 casos e Maringá com 587 casos (PARANÁ, 2021).

As sequelas físicas e psicológicas pós atos de violência sexual trazem sérias consequências. De acordo com Freitas e Farinelli (2016), existem três tipos de reações diante de um estresse traumático, situação de ameaça à vida ou forte emoção: lutar, fugir ou congelar-se. Algumas pessoas podem sentir medo por alguns dias e depois retomar sua vida normal, outras podem ficar com medo por um longo período antes de retornar à rotina normal, e uma terceira pessoa pode desenvolver depressão devido ao grande trauma vivenciado.

Dados indicam que sobreviventes de violência sexual podem sofrer consequências comportamentais, sociais e psiquiátricas. As vítimas do sexo feminino são as mais afetadas por lesões e doenças decorrentes da violência sexual, não apenas porque constituem a maioria das vítimas, mas também por serem vulneráveis a desdobramentos na saúde sexual e reprodutiva. Isso acarreta consequências importantes, tais como: gravidez não planejada, disfunção sexual, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), fístulas traumáticas, depressão, transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, sintomas somáticos, comportamento suicida e transtorno de pânico (BRASIL, 2018).

O estudo dos casos de violência sexual é de extrema importância, pois essa realidade impacta significativamente a sociedade como um todo. Conforme ressaltado por Souza e Silva (2021), compreender a natureza e as consequências da violência sexual contribui para a conscientização e sensibilização da população, resultando em uma maior mobilização social na prevenção e combate a esse tipo de violência. Além disso, o estudo desses casos permite identificar padrões e fatores de risco, auxiliando na criação de políticas públicas mais efetivas e na implementação de estratégias de intervenção adequadas.

Diante desse contexto, esse estudo objetivou identificar o perfil dos casos de violência sexual notificados no município de Foz do Iguaçu durante o período da pandemia da Covid-19 (2020 a 2022).

2. MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de caráter quantitativo realizado com as fichas de notificação compulsória de violência sexual registrada no ano de 2020 a 2022 na vigilância epidemiológica do município de Foz do Iguaçu-PR. A amostra deste estudo foi composta por 648 fichas de notificação.

Os critérios de inclusão estabelecidos pela pesquisa foram as fichas de notificação que englobaram somente violência sexual, registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no município objeto deste estudo.

Foi realizada filtragem dentre todos os casos de violência a fim de selecionar somente os casos de violência sexual. A partir dessas informações foi possível identificar os casos, assim como identificar as regiões com maiores índices registradas no município.

Este estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) através do parecer nº 5.975.641 vinculado ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), respeitando todas as questões éticas e legais regidos nas resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/2012 e 510/2015, mantendo a integridade física e emocional, a dignidade e os interesses de todos os envolvidos na pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de janeiro de 2020 a dezembro de 2022 foram registradas 648 fichas de notificação compulsória por violência sexual no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), por meio da vigilância epidemiológica do município de Foz do Iguaçu, Paraná. Foi levantado o perfil epidemiológico dos casos, com base na caracterização das vítimas, assim como o perfil da violência ocorrida.

De acordo com Cruz et al. (2019), a violência é considerada um dos principais problemas sociais, pois desencadeia uma série de fatores potencialmente problemáticos, independentemente de condições sociais, idade, cor ou raça. Desde 1993, tanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) quanto a Organização Pan-Americana da Saúde

(OPAS) reconhecem a violência como um problema de saúde pública, uma vez que afeta significativamente a qualidade de vida da população.

A Tabela 1 apresenta o quantitativo e percentual de casos de violência sexual de acordo com as variáveis sexo, idade, raça / cor e escolaridade.

Tabela 1. Caracterização das vítimas de violência sexual, de acordo com as fichas de notificação compulsória, Foz do Iguaçu- PR, Brasil, 2020 a 2022.

VARIAVEIS	N	%
Sexo		
Feminino	557	85,95
Masculino	84	12,96
Ignorado	7	1,09
Idade		
Menor de 1 ano	21	3,24
1 a 15 anos	522	80,55
16 a 30 anos	65	10,03
31 a 45 anos	28	4,32
46 a 60 anos	9	1,39
Maior de 60 anos	3	0,47
Raça / Cor		
Branco	332	51,23
Preto	20	3,09
Amarelo	2	0,31
Pardo	255	39,35
Indígenas	11	1,70
Ignorado	20	3,09
Não informado	8	1,23
Escolaridade		
Analfabeto	47	7,25
Ensino fundamental I incompleto	44	6,79
Ensino fundamental I completo	127	19,60
Ensino fundamental II incompleto	36	5,55
Ensino fundamental II completo	20	3,09
Ensino médio incompleto	11	1,70
Ensino médio completo	18	2,78
Ensino superior incompleto	6	0,93
Ensino superior completo	61	9,41
Ignorado / não informado	278	42,90

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Em análise do perfil epidemiológico dos casos registrados de violência sexual no município de Foz do Iguaçu no ano de 2020 a 2022, percebe-se predomínio do sexo feminino (n=557), correspondendo a 85,95% dos casos. Em relação a idade, constatou-se que a grande maioria das violências ocorreram na faixa etária entre 1 a 15 anos (80,55%).

Dados similares foram encontrados em um boletim epidemiológico divulgado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2023), pela qual visualizaram maior prevalência de violência no sexo feminino. Sobre a variável idade, uma pesquisa realizada no estado do Paraná analisou os casos de violência de 2014 a 2018 e identificou seguido da faixa de 5

a 9 anos (13,4%) e de 10 a 14 anos (13,1%), totalizando na junção dessas idades 53,1% da amostra (TAUFFER, 2020).

A pandemia da COVID-19 exacerbou a prevalência da violência sexual no sexo feminino, evidenciando uma preocupante realidade. Mulheres e meninas enfrentaram um aumento alarmante na exposição à violência sexual, com impactos devastadores em sua saúde física, emocional e psicológica.

Em relação a etnia, percebe-se que a raça branca predominou nesse estudo (n=332), correspondendo a 51,23% dos casos, seguido da raça parda (n=255), com 39,35%.

Segundo dados do Ministério da Saúde, a etnia das pessoas não é considerado como característica de risco para que exista a violência, entretanto, em populações onde existe a predominância de pessoas com pele preta e/ou parda existe uma maior número de notificações de violência, isso talvez seja justificado os dados e não a violência, por conta da defasada condição e situação socioeconômica das comunidades onde essas pessoas estão inseridas, bem como o baixo índice de atendimento de saúde desses locais (CALMETO et al., 2018).

Ao analisar o grau de escolaridade das vítimas, percebe-se que existe uma falha grande no preenchimento adequado dessa variável, pela qual a predominância dessa variável foi dos casos que “não se aplica” (n=278). Das fichas preenchidas adequadamente a prevalência foi de vítimas que concluíram o ensino fundamental I (1º ao 5º ano), correspondendo a 19,60%. Sobre isso, Tauffer (2020) ao analisar essa variável percebeu dados parcialmente similares, visto que também predominou a variável “não se aplica”, com 711 casos (43,2%), todavia, contrapondo nosso estudo, dentre as respostas validadas os autores perceberam predomínio de violência naqueles matriculados entre 5ª a 8ª série com 218 casos (13,1%), seguidos pelo ensino médio incompleto com 138 casos 8,3%.

Em relação ao perfil dos casos de violência ocorridos na tríplice fronteira Brasil / Paraguai / Argentina, a Tabela 2 apresenta o quantitativo e percentual de acordo com as variáveis: grau de parentesco, sexo do agressor, data da notificação, local de ocorrência, zona de ocorrência, frequência dos casos de violência e número de envolvidos.

TABELA 2. Caracterização das vítimas de violência sexual, de acordo com as fichas de notificação compulsória, Foz do Iguaçu- PR, Brasil, 2020 a 2022.

VARIAVEIS	N	%
Grau de parentesco		
Pai	73	11,27
Mãe	7	1,08

Padrasto	82	12,65
Cônjuge	16	2,47
Ex-cônjuge	8	1,23
Namorado (a)	15	2,31
Ex-namorado (a)	4	0,62
Conhecidos	132	20,37
Filho	3	0,47
Desconhecidos	66	10,19
Irmão	14	2,16
Cuidador	6	0,93
Patrão/Chefe	1	0,15
Pessoa com relação institucional	5	0,77
Própria	1	0,15
Outros	164	25,31
Ignorado / não informado	51	7,87
Sexo do Agressor		
Masculino	540	83,33
Feminino	21	3,24
Ambos os sexos	7	1,08
Ignorado / não informado	80	12,34
Data da notificação		
Primeiro trimestre 2020	75	11,57
Segundo trimestre 2020	52	8,02
Terceiro trimestre 2020	58	8,96
Quarto trimestre 2020	65	10,03
Primeiro trimestre 2021	69	10,65
Segundo trimestre 2021	38	5,86
Terceiro trimestre 2021	59	9,10
Quarto trimestre 2021	54	8,33
Primeiro trimestre 2022	42	6,48
Segundo trimestre 2022	43	6,64
Terceiro trimestre 2022	66	10,19
Quarto trimestre 2022	27	4,17
Local da ocorrência		
Residência	369	56,94
Habitação coletiva	3	0,46
Via pública	13	2,01
Ambiente de trabalho	5	0,77
Escola	8	1,23
Creche	36	5,56
Estabelecimento de saúde	7	1,08
Instituição socioeducativa	1	0,15
Instituição de longa permanência	153	23,61
Ignorado	53	8,18
Zona da ocorrência		
Urbana	534	82,41
Rural	22	3,40
Periurbana	3	0,46
Ignorado / Não informado	89	13,73
Ocorreu outras vezes		
Sim	219	33,80
Não	343	52,93
Ignorado / Não informado	86	13,27
Número de envolvidos		
Um	475	73,30
Dois ou mais	97	14,97
Ignorado / Não informado	76	11,73

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Como percebido, em análise do grau de parentesco do agressor, os resultados apontaram maior prevalência de conhecidos (n=132), correspondendo a 20,37% dos casos, seguido de padrasto (12,63%) e pelo pai (11,27%). Além disso, complementando essa variável, percebeu-se maioria absoluta do sexo masculino na variável Sexo do agressor (83,3%).

Quanto ao local da ocorrência dos casos de violência a residência obteve maior prevalência (n= 369), correspondendo a 56,94%. Em uma pesquisa semelhante observou-se que a maioria das ocorrências também foram na residência (n=920) seguido de via pública (n=302) (RICHTER; COSTA; SILVA, 2023).

Sabe-se que nos anos de pandemia, sobretudo nos períodos com maiores medidas de restrição de circulação de pessoas, tiveram maior incidência de casos de violência em todo cenário nacional. Ao analisar os anos com maior índice, percebe-se que 2020 foi o ano mais violento, com 250 registros de violência sexual no município, seguido de 220 casos em 2021 e 178 em 2022. Dentre os meses com maiores números de casos, constatou-se que o início da pandemia, ocorrido no primeiro trimestre de 2020, teve maior número de casos (11,57%), seguido do primeiro trimestre de 2021, com 10,65%. Esses dados coincidem com os períodos de lockdown, onde se teve maiores medidas de proteção impostas pelo governo federal.

Ao analisar a variável Local da ocorrência percebe-se conexão com a variável anterior, uma vez que durante os períodos de maior virulência da covid-19 os indivíduos foram instruídos a ficarem em suas residências, a fim de diminuir a circulação de pessoas. Portanto, ao analisar os resultados levantados, percebe-se que a residência da vítima correspondeu a maioria dos casos (56,94%), seguido de instituições de longa permanência, que obteve registro de 153 casos (23,61%).

Constata-se que a residência das vítimas é o cenário em que ocorrem 70,9% dos casos de violência sexual envolvendo crianças de 0 a 9 anos de idade, e 63,4% dos casos que afetam adolescentes entre 10 e 19 anos. Em relação aos agressores, familiares e conhecidos são responsáveis por 68% das agressões contra crianças, e 58,4% das agressões contra adolescentes nesses intervalos de idade (BRASIL, 2023).

A imposição do distanciamento social e a restrição de movimento resultaram em um maior tempo passado em ambientes potencialmente perigosos, como a própria residência. Muitas mulheres ficaram isoladas com agressores domésticos, sem acesso a redes de apoio e serviços de denúncia. Além disso, a crise econômica decorrente da

pandemia intensificou as desigualdades de gênero, aumentando a vulnerabilidade das mulheres a situações de exploração e coerção sexual.

As vítimas, por sua vez, são predominantemente do sexo feminino: 76,9% das notificações envolvendo crianças e 92,7% das notificações envolvendo adolescentes nessas faixas etárias referem-se a meninas. No entanto, conforme indicado pelo boletim epidemiológico, é possível que haja subnotificação de casos envolvendo meninos, devido a fatores como estereótipos de gênero ou a crença equivocada de que meninos não são vítimas de violência.

Ao analisar a Zona de ocorrência, foi verificado que a maioria dos casos de violência ocorreram na zona urbana (82,41%). Além disso, pouco mais da metade dos registros mostraram que a violência ocorreu uma única vez (52,93%) e envolveu um único agressor (73,30%).

Durante a pandemia da COVID-19, o distanciamento social e a quarentena tiveram um impacto significativo no aumento do número de casos de violência sexual. Embora essas medidas tenham sido essenciais para conter a propagação do vírus, elas também criaram um ambiente propício para o aumento da violência doméstica e sexual. O isolamento social e a restrição de movimento colocaram as vítimas em situações de maior vulnerabilidade, muitas vezes presas em casa com seus agressores.

Além disso, o estresse, a ansiedade e as incertezas geradas pela pandemia podem ter aumentado as tensões familiares e agravado comportamentos abusivos. A falta de acesso a redes de apoio, como amigos, familiares e serviços de denúncia, também contribuiu para a perpetuação desses abusos.

É essencial que sejam implementadas medidas efetivas para garantir a segurança das vítimas e fornecer apoio adequado durante esse período desafiador. Isso inclui campanhas de conscientização, linhas de ajuda disponíveis 24 horas por dia e aprimoramento dos serviços de proteção às vítimas de violência sexual. Além disso, é fundamental promover a educação sobre consentimento, igualdade de gênero e respeito mútuo para prevenir a violência sexual e criar uma sociedade mais segura e justa.

3. CONCLUSÃO

A pandemia trouxe consigo uma triste realidade: o aumento dos casos de violência sexual. O confinamento e as restrições impostas pela situação de saúde pública criaram um ambiente propício para o aumento dessas ocorrências, tornando as vítimas ainda mais

vulneráveis. A falta de contato social e o aumento do estresse podem ter contribuído para um aumento nos níveis de agressão.

Percebeu-se que o perfil das vítimas de agressão foram mulheres com idade entre 1 a 15 anos, brancas em idade escolar. Em contrapartida, percebeu-se que o perfil do agressor foi de homens, com grau de parentesco conhecido. O maior índice de violência sexual ocorreu no primeiro trimestre de 2020 e de 2021, em residência em zona urbana, envolvendo único caso e com único agressor.

É crucial que as autoridades reconheçam e abordem essa questão urgentemente, implementando medidas de proteção, apoio psicológico e educacional para as vítimas. Além disso, é necessário um esforço conjunto da sociedade como um todo para conscientizar, prevenir e combater a violência sexual, garantindo um ambiente seguro e digno para todos, mesmo em tempos desafiadores como os vividos durante a pandemia.

O mal preenchimento das notificações, assim como as subnotificações são limitações importantes desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flsksman. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 227 p.
- AZAMBUJA, M. R. F. **Violência Sexual intrafamiliar. É possível proteger a criança?** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004. 153 p.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Infância e Violência Doméstica**. São Paulo: IV TELELACRI/ IPUSP, 1997. 274 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Novo boletim epidemiológico aponta casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. 2023. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2sjrrdz7>> Acesso em: 31 mai. 2023.
- CACERES, F. **História Geral**. 4ed. São Paulo: Editora Moderna, 1996. 451 p.
- CERQUEIRA, D.; et al. **Atlas da Violência**. 2018. Disponível em <l1nq.com/gUr0v> Acesso em: 9 mai. 2022.
- FERREIRA, A. L. **Atendimento a crianças vítimas de abuso sexual: Avaliação de um serviço público**. 2002. 273 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.
- FERREIRA, M. H. M.; AZAMBUJA, M. R. F. D. **Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes**. Rio de Janeiro: Artmed, 2011. 392 p.
- FREITAS, M. L.; FARINELLI, C. A. As Consequências Psicossociais da violência sexual. **Rev. Em Pauta**. 37 (14), 2016, 270-295.
- GARCIA, M. F. **Brasil Ocupa 2 Lugar no Ranking Mundial de Exploração sexual de crianças**. 2021. Disponível em<l1nq.com/JhJrh> Acesso em 07 jul 2022.
- HUERTAS. J. A. D.; et al. **Atención al Maltrato Infantil desde el ámbito sanitario en la Comunidad de Madrid**. 1998. Disponível em <l1nq.com/BaqvW> Acesso em 08 abr. 2022.
- LINDA, E. G. K.; et al. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. 2002. Disponível em<l1nq.com/rHlIM> Acesso em 11 abr. 2022.
- MARTINS; C. B. G.; JORGE; M. H. P. M. **Maus-Tratos infantis: um resgate da história e das políticas de proteção**. 2010. Disponível em<l1nq.com/OIVcG> Acesso em 12 maio 2022.
- MODENA, M. R. **Conceitos e Formas de Violência**. 2016. Disponível em <l1nq.com/MHEwc> Acesso em: 04 mar. 2022.
- MOTTA, D. **Uma Análise da Adolescência ao Longo da História**. 2010. Disponível em<<https://siteantigo.faperj.br/?id=1654.2.5>> Disponível em: 29 mar. 2022.
- OLIVEIRA, F. G. **Atuação do Enfermeiro Frente à Criança/Adolescente vítima de abuso sexual**. 2021. Disponível em <l1nq.com/Q8mJq> Acesso em 12 mai. 2022.

- OLIVEIRA, I. S. **Trajetória histórica do abuso sexual contra crianças e adolescentes.** 2016. Disponível em:< encurtador.com.br/rwHOS> Acesso em 08 abr. 2022.
- PAGNI, P. A. **Infância, Arte de Governo Pedagógica e Cuidado de Si.** 2010. Disponível em <11nq.com/kgbpy> Acesso em: 19 abr. 2022.
- PARANÁ. Tribunal de Justiça do Estado do Paraná. **Bebês estão entre as maiores vítimas de violência contra a criança e adolescente durante a pandemia no Paraná.** 2021. Disponível em: <encurtador.com.br/tJLPW> Acesso em: 07 abr. 2022.
- RICHTER, T. T.; COSTA, J. V.; SILVA, T. M. G. Caracterização das notificações de violência contra mulheres em um município do interior do Paraná, 2015 a 2019. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v.27, n.5, p.3415-3432, 2023.
- ROSAS, F. K.; CIONEK, M. I. G. D. **O Impacto da Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes na Vida e na Aprendizagem.** Disponível em< 11nq.com/0zbR0> Acesso em: 28 abr. 2022.
- SOUZA, A. F. **Manual de Direito Policial.** Disponível em< 11nq.com/srwBm> Acesso em 24 abr. 2022.
- SOUZA, F. M.; SILVA, L. S. Violência sexual: compreensões teóricas e ações para o enfrentamento. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 6(2), 168-184, 2021.
- TAUFFER, J.; et al. Perfil dos casos de violência interpessoal / autoprovocada atendidos em um hospital público do Paraná, 2014 a 2018. **Journal of Epidemiology and Infection Control**, [SI], v. 10, n. 1, fev. 2020. ISSN 2238-3360.